

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

SISTEMA EDUCATIVO PORTUGUÊS NO PERÍODO DO ESTADO NOVO (1933-1974)

“Formar uma mulher nova”



O sonho a que as jovens da MPF poderiam aspirar: “Futura esposa”.

A 8 de Dezembro de 1937 pelo Decreto-Lei nº 28 262, dia da Imaculada Conceição, criar-se-ia a seção feminina da Mocidade Portuguesa pela Obras das Mães para a Educação Nacional.

sitárias dos valores do Estado. Partia-se do princípio que a Mocidade Portuguesa Feminina tinha por fim “*formar uma mulher nova, através da educação moral, cívica, física e social*”. Desta forma, a MPF tinha como objetivo formar uma “nova mulher”, encaminhá-la para ser boa católica e portuguesa, boa doméstica, futura mãe

As atividades da MPF seriam orientadas pela direção da O.M.E.N., por delegação do Ministro da Educação Nacional, exercido por intermédio de um Comissariado Nacional, constituído por uma comissária e duas adjuntas, escolhidas pelo Ministério. Cumpria-se assim o objetivo de integrar todas as camadas da juventude em organizações que sob alçada do Estado Novo lhes inculcava os

e esposa obediente, mas longe da intervenção política deixada aos homens. Estes eram os objetivos que podemos inferir da leitura dos artigos do Regulamento da Mocidade Portuguesa Feminina.

Deste modo, para a MPF, a educação moral consistiria na “*educação cristã, tradicional no País*”, a educação cívica tiraria inspiração

princípios ideológicos por eles embandeirados. A juventude constitui um dos pilares da sociedade e, tendo plena consciência desse facto, o regime salazarista ensombrado com o terror que o Comunismo, o seu inimigo, poderia lançar sobre a sociedade, com ideais totalmente opostos ao regime fascista do Estado Novo e o facto de estes novos ideais poderem granjear fações na

juventude portuguesa, tornava imperativo criar uma organização que enquadrasse a juventude e lhe inculcasse ideais contrários aos do Comunismo, nomeadamente os valores basilares deste regime: “Deus, Pátria e Família”. Com enquadramento obrigatório para todas as jovens entre os 7 e os 14 anos de idade, reunir-se-iam as condições propícias a moldar estas jovens mentes, depo-

“*no imperativo do bem comum e nas grandes tradições nacionais para que em cada filiada se fixe a consciência do dever e da responsabilidade da mulher portuguesa na continuidade da Nação*”. A educação física teria como objetivo “*o fortalecimento racional, a correção e a defesa do organismo, tanto como a disciplina da vontade, a*

“*A seção feminina da organização nacional da Mocidade Portuguesa (M.P.F.) a cargo da Obras das Mães pela Educação Nacional (O. M.E.N.), tem por fim estimular nas jovens portuguesas a formação do carácter, o desenvolvimento da capacidade física, a cultura do espírito e a devoção ao serviço social, no amor de Deus, da Pátria e da Família*”

Artigo 1º do Regulamento da Mocidade Portuguesa Feminina, 1937



In Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina, Nº 4, Agosto 1939

“Graduadas da MPF aprendem a cozinhar para serem futuras boas donas de casa”.



In Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina, Janeiro 1941.

confiança no esforço próprio, a lealdade e a alegria são, mediante atividades rigorosamente adequadas ao sexo e à idade”, por fim, a educação social tinha como objetivo cultivar nas filiadas “o gosto pela vida doméstica e o de servir o bem comum, ainda que com sacrifício, orientando para o cabal desempenho da missão da mulher na família, no meio a que pertence e na vida do Estado”.

Cursos ministrados às filiadas

Os cursos frequentados pelas filiadas dos quatro escalões eram agrupadas em três grandes ramos de formação: formação feminina, educação física e iniciação artística:

Lusitas:

- * Religião (Catecismo)
- * Formação Nacionalista
- * Higiene (Pessoal)
- * Canto Coral
- * Educação Física
- * Trabalhos Manuais

Infantas:

- * Religião e História Sagrada

Todos estes objetivos e valores eram enquadrados nos cursos ministrados às filiadas que se incumbiam de preparar e orientar a jovem mulher para o futuro, existindo uma nítida divisão de tarefas e funções entre o papel do Homem e o da Mulher na sociedade do Estado Novo.

- * Formação Nacionalista
- * Higiene (Pessoal e de Habitação)
- * Economia Doméstica (arranjo da casa)
- * Canto Coral
- * Educação Física
- * Trabalhos Manuais

Vanguardistas:

- * Moral e Religião
- * Formação Nacionalista
- * Higiene e Cuidados com os Doentes
- * Puericultura (pós-natal)
- * Economia Do-

- ◆ As filiadas encontravam-se agrupadas por idade em quatro escalões:
- ◆ Lusitas: dos 7 aos 10 anos de idade;
- ◆ Infantas: dos 10 aos 14 anos de idade;
- ◆ Vanguardistas: dos 14 aos 17 anos de idade;
- ◆ Lusitas: dos 17 anos em diante

- méstica (roupas)
- * Canto Coral
- * Educação Física

Lusas:

- * Higiene
- * Puericultura
- * Enfermagem
- * Dactilografia
- * Malhas
- * Economia e Arte no Lar
- * Culinária
- * Indústrias Caseiras
- * Jardinagem
- * Rendas e Bordados
- * Costura e Corte
- (...)



O Boletim da Mocidade Portuguesa

Como veículo transmissor de ideias e valores, a MPF recorreu a publicações, nomeadamente entre 1939 - 1947 publicou o Boletim da Mocidade Portuguesa.

No entanto, Portugal era um país à época com uma taxa de analfabetismo muito elevada, e inevitavelmente acabaram por ser as jovens pertencentes às classes sociais mais altas as que principal-

Não obstante, acompanhados sempre com uma recomendação e norma interventiva de conduta enunciada como a "correcta". Ou seja, intervinham em todos os domínios da vida da filiada e o objectivo final era prepará-las para a missão de

mente liam o Boletim da MPF. Segundo Irene Pimentel, o Boletim da MPF tentou "formar uma elite feminina, colaboradora da elite masculina do Estado Novo, e criar uma mulher «nova»". É interessante ver como o Boletim desde cedo teve princípios orientadores muito claros e assertivos acerca da formação da "nova mulher": quais as normas de conduta adequadas às filiadas e

dona de casa e mãe de família. Eis um dos artigos que encorajava as leitoras a "combater os seus defeitos": "Combate os teus defeitos (...) Tendência para romantismo, indolência, suspiros sem razão. Em noites de luar vais para a varanda, sentes-te

que elas deveriam seguir. Divulgado através do Boletim, a comissão nacional da organização, Maria Guardiola, identificava quais os inimigos a combater entre as jovens: "o egoísmo, materialismo e feminismo". As futuras mulheres criadas pela MPF deveriam ser "disciplinadas, fortes, viris sem ser masculinas, com espírito profundamente cristão e nacional, orientadas

para a ação no Lar, na família e na sociedade". Em relação a defeitos, o Boletim da MPF propunha-se a combater nas raparigas "a futilidade, o hedonismo, a soberba, a vaidade e a arrogância". De facto, eram inúmeros os artigos publicados no boletim. Dos mais variados temas, desde os modos como se comportarem em camaradagem com os rapazes até dicas de como passar a ferro.

tão infeliz como Julieta sem Romeu. Remédio para todos estes males: deixa-te de leitura sentimentais, dá passeios a pé, entretém-te com os trabalhos caseiros e ocupa o espírito em assuntos positivistas". In

Boletim Mocidade Portuguesa, nº71, Fevereiro 1945.

In Menina & Moça, Nº 149, Fevereiro 1960, Atitudes a ter numa missa
Maria Mercier

Menina & Moça

Em 1947 nasceu a revista Menina e Moça (M&M) que veio substituir o Boletim da MPF. A M&M era claramente menos ideológica e politizada do que o Boletim da MPF, em grande parte isto provavelmente deve-se ao facto de estarmos já no período posterior à Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo querer de

certa forma apresentar uma imagem menos "fascista" e mais aberta e moderada às democracias liberais com que tinha agora de se aliar no mundo em plena Guerra Fria. Porém, apesar de mais moderada, a M&M continuou a servir de veículo de transmissão às raparigas dos valores essenciais do Estado Novo.





Evita quanto possível a Missa à vin-da dos bailes. Com a cabeça à roda, os pés a doer, o fato a cheirar a festa, com a maquilhagem desfeita ou remendada e os olhos a fechar-se, achas que estás em estado de entrar numa Igreja?

Aprender a ser boa esposa, mãe e fada do lar

A mulher ideal seria aquela que me «deixasse ler o jornal em paz (...), que, quando eu estivesse a trabalhar, soubesse fazer silêncio (...), não olhasse para a minha mãe com olhos de noraciumenta (...), não me esgotasse a paciência (...), [e fosse] capaz de compreender a doce sujeição que a esposa deve ao marido.»

In Menina & Moça, Novembro 1969

“O lar era a fortaleza da mulher, era nele que ela podia dar largas à sua «virtude feminina». Por isso o Boletim da MPF começou desde logo a publicar uma rubrica, aliás tradicional em todas as revistas femininas intitulada «Lar» que transmitia os aspectos práticos da pretensa «missão feminina»”.

(I. Pimentel, 2007)

De incansável actividade propagandista a Mocidade Portuguesa Feminina viria a sua função chegar ao fim com o 25 de Abril de 1974 que procedeu à sua extinção.

“A Comissária da MPF Maria Guardioli afirmou que 'Deus, Pátria e Família' era, por esta ordem, a trilogia que devia iluminar a vida de todas as 'nossas raparigas'. Esclareceu ainda que a 'fé cristã custa, base da maior felicidade humana era a mais sublime das tradições nacionais'. Era pois necessário educar as jovens na religião católica, por exemplo, ensiná-las a atitude a ter numa missa. Nas páginas do M&M Maria Mercier entre outros conselhos adverte a não ir 'pintada com uma máscara e comungar com um 'bâton' gorduroso que tinge os dedos do padre'.”(I. Pimentel, 2007). In Menina & Moça, Nº 149, Fevereiro 1960.

A RAPARIGA E A PROFISSÃO

Manuela tem diante de si o caderno e o livro. Lê a pergunta no livro: «Que fazes durante o dia?»

Escreve no caderno: «Vou à escola»...

Madalena hesitou antes de escrever. Interrogou-se, Pensou a sério, e por fim, não teve coragem de traçar: **TRABALHO.**

Ela sabe que o não fez! Frequenta a escola, é certo, mas não trabalha, não se aplica.

É *amanhã*? Que irá fazer na vida? Sim, que fará da sua vida?

Manuela volta a pensar. Aquela pergunta! Aquela pergunta... O trabalho! O trabalho! Que lhe importa o trabalho! O que Manuela sonha, vagamente, é com uma profissão, que lhe garanta X de ordenado, a troco de algumas horas de presença, tal como agora vai à escola. Distraidamente, sem se dar, a fundo. Assim, como que, por passatempo!

Manuela, escuta: o trabalho está na base de toda a actividade humana!

★

«O trabalho é belo em si mesmo, belo pela intenção que o anima, belo pelo fim que tem em vista».

Alguém o escreveu, acrescentando: «Mas com a condição de ser humano». E explicou: «Um trabalho humano é aquele que está na linha das nossas aptidões».

E mais afirmou, ainda:

«Não podemos exercer com proveito e gosto uma actividade que nos é contrária, pois que nascemos com inclinação para tal ou tal actividade». Só isto é trabalho, porque só assim se respeita o valor da pessoa humana. Mas também todo o homem ou mulher, ao trabalhar, tem por obrigação contribuir, tanto quanto lhe seja possível, e esteja ao seu alcance, para a perfeição e progresso de sua o que realiza...

O trabalho é sempre uma doação de nós mesmos aos outros.

Pensa nisso Manuela, e procura trabalhar.

★

Mas o trabalho realiza-se dentro das profissões. Qual vais escolher, Manuela?

Lembra-te, antes de mais, que nasceste mulher. E todo o mulher tem uma missão de maternidade a cumprir.

★

Vai longe o tempo em que as jovens se sentavam a fiar na roca, aguardando o noivo.

A mulher tem hoje outras formas — tão diversas como úteis — de contribuir para o bem da humanidade.

O seu contributo no campo económico é hoje tão apreciável como apreciado.

Mas lembra-te Manuela — e lembra-vos todas vós raparigas e mulheres —

Que a mãe de família é a **PRIMEIRA** obreira do progresso humano

(tese do Congresso da União Feminina Cívica e Social, em 1947 — seguida, três anos depois, por outras sobre «O Valor Económico da Mãe»).

MANA MARIA

CONHECAMOS A VIDA

★

Com efeito, nada há que a possa substituir eficazmente junto do marido e dos filhos. A sua presença no lar é ponto de partida para verdadeiro progresso humano e social, mas a mãe no lar, não pode ser apenas um simulacro de maternidade, antes uma autêntica operária fabricando uma humanidade melhor, porque criada, educada e formada como deve ser: física, intelectual, moral e espiritualmente. Manuela, portanto: não tenhas horror ao verbo trabalhar; não o desprezes. E de reparar que se vai formar todo o teu valor de mulher.

★

Entretanto não desdentes da profissão. Quem sabe se casará? E casando, quem te não diz que não tenhas de arcar com toda ou parte da responsabilidade material do teu lar, também? A viuvez não escolhe idades; os maridos podem adoecer; ganhar pouco... seja o que for: a mulher deve aprender a ganhar a vida trabalhando, sem esquecer, como foi dito, que a primeira e mais importante das tarefas é a do

Lar... se essa for a vocação!

★

Mas tendo de escolher uma profissão, mesmo só a mais honrosa de todas, a da mãe, Manuela, depois de que já dissemos, deves ainda e sempre ter presente que:

— a maioria das raparigas, ao escolher uma profissão, erra gravemente, porque olha para demasiado alto, e, em tudo: não vê o sapateiro além da chinela!

— O ofício que mais nos convém será sempre aquele que nos traga não só o ordenado, mas um máximo de satisfação pessoal.

— Todo o trabalho deve ser feito com gosto.

— A escolha dum carreira é problema sério demais para ser resolvido por uma garota de treze ou mesmo quinze anos. Há que procurar orientar-se, escutar conselhos, mas não apenas os das amigas da mesma idade...

— Quem pensa sempre que já fez demasiado para a paga que recebe, nunca será uma boa profissional.

— Uma sã e comedida ambição não vai mal a quem já tem as qualidades precisas.

— Todo o ofício é bom para quem o sabe, e mau para quem o desconhece.

— A inteligência sem a perseverança é bem fraca bagagem para quem tem de trepar no caminho da vida... e esse é o teu trilhó, Manuela.

Estimulavam as jovens a aprender uma profissão, no entanto: “mas tendo de escolher uma profissão, mesmo só a mais honrosa de todas, a da mãe, Manuela depois de que já dissemos, deves ainda e sempre ter presente que: A maioria das raparigas, ao escolher uma profissão erra gravemente, porque olha demasiado alto, e, em tudo: não vê o sapateiro além da chinela!”, isto é, no domínio do Lar é que a mulher encontraria a plena realização pessoal . In Menina & Moça , Nº 161, Junho 1961, A Rapariga e a Profissão.